

*Documentos*





# O problema fundiário em Mato Grosso do Sul: o caso Sucuri'Y

Rosa Sebastiana Colman

Os Kaiowá e Guarani do sul de Mato Grosso do sul vivem, atualmente, um momento de grandes impasses como o aumento da violência interna, problemas ambientais, dificuldades na produção de alimentos, desnutrição, novas doenças. Esses problemas estão ligados com o problema de terra, devido ao problema histórico de confinamento em pequenas áreas. A partir de 1980, os Kaiowá e Guarani retomaram grande parcela de suas terras, mas que ainda são insuficientes. A realidade mostra, porém que apenas a demarcação em si também não traz resultados efetivos e que isto devem vir acompanhadas de outras ações como uma política séria de recuperação ambiental e produção de alimentos.

A carta a seguir ilustra a realidade de luta pela terra pela qual os Kaiowá e Guarani do sul de Mato Grosso do Sul tem passado. A carta redigida e assinada por membros da Terra Indígena de Sukuri'y é datada de 08 de maio de 1997. Depois de 10 anos desta carta ao Juiz, a situação, que já tinha um longo passado de lutas e sofrimentos, ainda não foi solucionada. A comunidade permanece ocupando uma pequena parte, 67 hectares, da sua área de 500 hectares que já foi homologada e registrada. Mas o total da Terra Indígena reivindicada é de 5.000 hectares.

Alguns aspectos que podem ser observados na carta são comuns nos outros processos de retomadas de Terras Indígenas que estão ocorrendo desde o final da década de 1970.

Inicialmente, a carta relata algo que indica o motivo porque estão lutando por aquela Terra e não outra qualquer: ali seus pais, avós, enfim antepassados nasceram, moraram e morreram. Muitos deles, inclusive nasceram ali, foram criados dali e de lá certamente foram expulsos. Em seguida, os moradores descrevem todo o sofrimento, os despejos, as casas queimadas, as roças destruídas e toda a violência sofrida, como saques e agressões físicas.

Mestre em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco. Atualmente desenvolve atividades no Curso "Agroecologia em Terras Indígenas", vinculado ao NEPPI/UCDB.  
rosacolman01@yahoo.com.br

Outro aspecto que chama a atenção, em meio a idas e voltas, são os vários despejos pelas quais passaram. Em alguns momentos são obrigados a morarem na cidade e afirmam que lugar de índio não é na cidade, porque lá não tem lugar para roças, para produzir e alimentar os filhos, que não sabem morar na cidade.

Registram ainda as arbitrariedades de que são vítimas, levados para outras aldeias, para a margem das estradas ou para as cidades.

A carta é encerrada com um apelo ao juiz, para que este tome algumas resoluções para o impasse e que eles não vão mais sair de suas terras e que preferem a morte.

O significado de território para os Kaiowá e Guarani segue uma outra lógica que não é a mesma concepção dos não índios. E é a partir desta lógica de território que os Guarani e Kaiowá reivindicam seus territórios. Como aparece na carta é muito forte o aspecto da roça. Deve ter um espaço para a roça, a terra tem que ser de boa qualidade que possibilite a produção. E a produção é para o consumo, para enriquecer a alimentação, e os produtos são diversificados. Numa roça kaiowá e guarani não se concebe a monocultura como da soja ou da cana.

Ainda hoje os Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul continuam realizando tentativas de ocupação de suas áreas como uma forma de pressionar as instituições governamentais para a solução dos problemas em torno das terras indígenas. Nos casos recentes de Sombreiro, no Município de Sete Quedas e Kurusu Amba, no Município de Amambaí, as cenas de violência continuam se repetindo, inclusive com registro de mortes. O apelo dos Kaiowá e Guarani por terra, dignidade e respeito continua no sentido de sensibilizar a todos para compreenderem e apoiarem as suas lutas.

A. I. Salsari-y 08-85-88

## Intrusivismo San Juis

Nós mineiros desta terra indígena  
 Suavizy vamos le contar o quanto nós já  
 sofremos porque nós nós e foi sempre  
 moramos aqui, nós da. Criamos aqui. No ano  
 de 1952 os jaguelinos desaparam nós daqui  
 e onde estão hoje, levando a parte munda  
 para outro lado da estrada. No ano de 1964  
 outra vez o fazendeiro desaparam nós obrigam  
 nós a ir para a cidade na ilha Adriaan.  
 Como o mesmo mesmo sobre nós, indio  
 nunca mora na cidade, porque na cidade  
 não tem lugar para nossa malinha para  
 colher nosso produto para alimentar nosso  
 filho. Nós indio não sabe viver fora da  
 nossa terra. Por isso no ano 1966 nós  
 voltamos para o lugar que sempre morou  
 nosso avô. Nosso pai que e aqui  
 onde nós estamos morando hoje. Em Juis  
 nesse mesmo ano mais uma vez nós  
 fomos desaparam pelo fazendeiro. Vieram  
 aqui os fazendeiro armado e ameaçaram  
 nós e tiraram gasolina e queimaram nossa  
 casa. Resto da nossa casa Lavaram  
 e a Comunhão Laganka da Prefeitura

2

Da Maracaju e ficaram nós aqui na  
maracaju no Caminho e bebemos nos para  
reserva Indígena de Dourados. Os índios  
não aceitaram nós, porque nós não  
era de lá eles pediram e sequestraram  
lá. E foram nós terra que foi da lá  
porque lá não a nossa terra. Nesse dia  
pra lá nós fomos jogado de sumo Aldeia  
para outra sem terra e logo nós fomos  
muito judiado porque sempre nessa família  
que volta aqui para nossa terra. Em 1934  
esta nossa terra foi delimitada, no ano de  
1936 nossa terra foi delimitada e nós  
voltamos pra cá para nossa terra. No dia 23  
de Dezembro de 1936 mais uma vez juntaram  
constante jogaram tudo novamente a nós. Foram  
nós, juliamos velhos e crianças e atropelaram  
nós para fora da nossa terra. Depois nós  
subir limamos do juiz federal do tempo grande  
nós voltamos pra cá para nossa terra.  
Se juiz, nós já fomos muito judiado pelo  
julgamento e agora nós recebemos fica  
aqui na nossa terra. Nós estamos cansado  
de ser atropelado, agora nós não vamos  
sair mais daqui. Falaram para nós que  
nós vai se despedido daqui. Se juiz  
se isso acontece e se o juiz julgar o  
polícia vivo tira nós, nós agora vamos  
mão que não Luperata sim vamos morrer tudo e  
vamos morrer tudo aqui da nossa  
terra de que viver

Sobretudo por ai. Se Tuís más só queremos  
 uma produção da terra que toda massa.  
 Para fazer nossa maior melhor massa.  
 Milhões de crianças massa filha. Mas uma  
 vez não olhamos o Sr Tuís que nós não  
 vamos sair, nem que tanto que tudo mais é  
 a culpa vai ser de quem manda  
 Tuís. Nós daqui.

Assina Todas as pessoas de Aldeia  
 Suexm-y





Adelino - Almeida

Alcides - Aguiar

Alma da Silva

Almeida - Trivilho

Edmilso - Almeida

Berginho - Trivilho

Jucimera - Trivilho

Carolina - Trivilho

Syrcian - Brito

do Rosário - Melo

Sebastião - Fera  
alondrade

Rosana - Aguiar

Florencia - Aguiar

Vagner - Trivilho

Katia - Trivilho

Apurva - Trivilho

Valdinei - Trivilho

Orlando - Branco

Luiz - Faria

Caetano - Trivilho

Almeida - Trivilho

Edson - Brito

Luiz - Barros

ca. - Tarso - Fernandes - ~~Trivilho~~ Trivilho - Trivilho





Roberto	Vitor
Luiza	Luiza
Estanice	Vitor
Isabel	Luiza
Rafael	Luiza

Moisés Turibio  
 Gallo Tiana  
 Jesus Maria Gali  
 Milton Roberto  
 Romulo Garcia  
 Celso Marcos  
 Gallo Tiana  
 Luciana de Almeida  
 Kauza Benitez  
 Milson Nogueira

Fonte: ADRIANA DA SILVA, M. O movimento dos Guarani e Kaiowá de reocupação e recuperação de seus territórios em Mato Grosso do Sul e a participação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) - 1978-2001. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Mestrado em História UFMS/UFGD, Dourados, 2005.

**Recebido em 18 de junho de 2007.**  
**Aprovado para publicação em 28 de junho de 2007.**